

**BOCAGE TRADUTOR DE OVÍDIO:
PROCEDIMENTOS ARTÍSTICOS
NA VERSÃO PORTUGUESA
DE METAMORFOSES VI 423-676**

Matheus Trevizam (UFMG)
matheustrevizam2000@yahoo.com.br

A tradução de poesia, trabalho complexo, envolve o a-genciamento do fazer do artista em várias frentes. Pois, revela nossa prática de leitores desse tipo compositivo, a escrita de versos põe em destaque não essencialmente a mera comunicação de conteúdos, mas, sobretudo, a tessitura de um “objeto” verbal em que se aliam sons, imagens, sentidos ou mesmo formas com mira a produzir algo intensificado do ponto de vista expressivo.

Especificamente, propomos selecionar algumas partes latinas do mito de Procne e Filomela, segundo relatado pelo poeta romano Ovídio (*Metamorfoses*, VI, p. 423-676), e compará-las com as correspondentes de Bocage, que verteu trechos dessa longa obra hexamétrica no século XVIII português. Interessá-nos, nesse cotejo, inteirar-nos do grau de acuidade com que o tradutor luso, reconhecidamente dotado de grande talento como um dos maiores poetas dos setecentos em Portugal, logrou aproximar-se da genialidade de Ovídio, a quem, por sua vez, coube ao longo dos séculos a inabalável admiração de sucessivas gerações de leitores.¹³

¹³ Um de seus leitores mais devotados, talvez, o poeta medieval francês Chrétien de Troyes, traduziu especificamente esta lenda do fabulário grego no século XII d.C. (cf. Chrétien, 1994); e, por outro lado, não faltam apropriações ou referências a Ovídio nas *Novelas Exemplares* (na boca do licenciado Vidriera) de Miguel de Cervantes, em Shakespeare, em Dante Alighieri...

LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

De início, assim, é útil lembrar que, em linhas gerais, essa história se prende a uma traição conjunta de Tereu, rei da Trácia, diante do sogro (o rei ateniense Pândion), da esposa (Procne) e da jovem cunhada (Filomela): mandado pela mulher buscar a irmã dela na Ática para breve visita ao país bárbaro, aproveitou-se da guarda de Filomela e estuprou-a em segredo, tendo ele ainda mutilado a moça cortando-lhe a língua e mantido-a presa em lugar ermo a fim de impedir a descoberta de seu crime. Filomela, desprovida da fala e sem poder fugir, bordou num tecido toda a história e fê-lo chegar à irmã, que enfim descobriu o ocorrido e seu paradeiro. O modo de vingança encontrado por ambas, ao final, foi matar Ítis, o pequeno filho de Procne e Tereu, cozinhá-lo e fazê-lo servir ao pai num banquete; então, perseguidas por ele, foram metamorfoseadas em andorinhas.

Do ponto de vista, propriamente, de alguns dos recursos expressivos utilizados por Bocage ao verter o relato ovidiano, convidamos agora a ver o caso das repetições. Trata-se, em Ovídio, de um uso com claros propósitos de intensificação de sentidos, não raro presente em partes destacadas pela ênfase emocional; notem-se, a título de exemplificação, *non, non, non* (v. 428-429), *Eumenides, Eumenides* (v. 430-431), *diues paratu, diuitior forma* (v. 451-452), *perque suam, contraque suam salutem* (v. 477), *saepe, saepe* (v. 525-526), *nec, nec, nec, nec* (v. 534-536), *si, si, si* (v. 542-543), *nocte, nocte* (589-590), *ferro, ferrum* (v. 612), *pars, pars* (v. 645-646), *pennis, pennis* (667-668)... Ora, dentre essas repetições, Bocage mantém, de algum modo, a primeira (“não”, “nenhuma”), a segunda (“Fúrias”, “Fúrias”), a terceira (“rica”, “riquíssima”), a quinta (“pelo”, “pela”, “por”), a sexta (“nem”, “nem”, “nem”, “nem”), a sétima (“se”, “se”), a oitava (“noite”, “noite”), a nona (“ferro”, “ferro”), a décima (“parte”, “parte”) e a décima primeira (“asas”, “asas”).

A observação desse primeiro ponto de elaboração estilística em ambos os autores, assim, revela-nos que o tradutor luso foi em geral muito atento à tessitura enfática ovidiana, tendo-se apenas omitido com não reiterar o pronome *suam* do poeta romano na passagem aludida e tomado alguma liberdade com, por vezes, substituir os itens lexicais que repete (como se dá com o registro de “Fúrias” por *Eumenides* e da preposição “por” pelo advérbio *saepe* em latim em trechos correspondentes).

Em seguida, parece-nos bem examinar como os símiles de Ovídio adentram a tradução de Bocage. Julgamos possível divisar aqui por cinco vezes o uso dessa figura associada, na literatura clássica, sobretudo às epopeias;¹⁴ na primeira, o desejo de Tereu pela bela Filomela é aproximado de uma chama que se apodera de espigas ou de ervas guardadas num palheiro (v. 455-457); na segunda, a alegria dessa personagem ao ter a jovem, enfim, sob seu poder, é comparada à da águia que tomara uma lebre como presa (v. 516-518); na terceira, o horror de Filomela violentada encontra paralelos no de uma ovelha ou pomba ainda temerosa diante da fuga recente ao predador (527-530); na quarta, a língua decepada da mesma vítima, conta-nos Ovídio, semelha a cauda que se cortara a uma cobra e palpita sinuosa no solo (559-560); na quinta e última, a fúria de Procne ao arrebatrar o próprio filho para sua vingança e o matricídio corresponde à imagem da tigresa indiana que toma uma corça inocente para alimentar-se (636-637).

O tradutor luso, à maneira do que observávamos quando mencionamos há pouco a conservação ciosa do traço reiterativo de dizeres em Ovídio, também neste ponto de reproduzir os símiles originais se revela “fiel” àquele poeta. Poder-se-ia interpretar a nova concessão aos traços formais do autor latino

¹⁴ Cf. Virgílio (2005, XII 456-460): *Qual de rico senhor por tetos e átrios/ Fusca andorinha adeja, cata e indaga/ Para os gárrulos ninhos o cibato,/ E ora por vácuos pórticos, chilreia,/ Ora por tanques úmidos revoa.*

LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

como um gesto de Bocage de “adornar” com eles os versos do relato que se desvela perante nossos olhos. De fato, o efeito dos símiles sobre a sensibilidade do leitor é imprimir a marca da dignificação épica, bem como variar o plano da experiência sob o foco narrativo: pois, sabemos, essa figura quase sempre aproxima um mundo humano de primeiro plano de lampejos referentes às forças naturais...¹⁵

Seria útil, talvez, tomar para o cotejo mais detido em um e outro artista uma dessas passagens de maior relevo elocutório:

*radix micat ultima linguae
ipsa iacet terraeque tremens innumurat atrae
utque salire solet mutilatae cauda colubrae,
palpitat et moriens dominae uestigia quaerit.* 560

A purpúrea raiz lhe **nada em** sangue,
Cai o resto **no** chão, **murmura** e **treme**,
Qual da escamosa serpe **mutilada**
A cauda **palpitante** e **moribunda**
Que ao corpo **em** que viveu **pretende unir-se**.

¹⁵ Na *Rhetorica ad Herennium* (cf. *Rhétorique*, s.d., IV XLIX 62), obra longa e erroneamente atribuída a Cícero, essa figura de pensamento é denominada *imago* (“imagem”) e definida nos seguintes termos: *Imago est formae cum forma cum quadam similitudine collatio. Haec sumitur aut laudis aut vituperationis causa. Laudis causa, sic: “Inibat in proelium, corpore tauri ualidissimi, impetu leonis acerrimi simili”. Vituperationis, ut in odium aut in inuidiam aut in contemtionem adducat, hoc modo: “Iste, qui cottidie per forum medium tamquam iubatus draco serpit dentibus aduncis, aspectu uenenato, spiritu rabido, circum inspectans huc et illuc, si quem reperiat, cui aliquid mali faucibus adflare, ore attingere, dentibus insecare, lingua aspergere possit”. – “O simile é a comparação de uma forma com outra que se lhe semelha. Lança-se mão dele para elogiar ou vituperar. Para elogiar, assim: ‘Entrava na batalha com o corpo do mais forte touro, com impeto igual ao do mais feroz leão’. Para vituperar, de modo a que se leve ao ódio, à inveja ou ao desprezo, desta maneira: ‘Tal homem, que a cada dia serpeia pelo meio do foro como um dragão coroadado, com dentes curvos, olhos venenosos, raivoso, olhando à sua volta para cá e para lá; se encontrar alguém, poderá insuflar-lhe algo ruim da garganta, tocar com a boca, lacerar com os dentes, molhar com a língua’ (minha tradução).”*

Considerando os dois versos anteriores ao início dos símiles os antecedentes lógicos dos mesmos em Ovídio e em Bocage, notamos em toda a dicção do poeta português a clara tentativa de reprodução de um sugestivo efeito sonoro do original: referimo-nos à aliteração pelas nasais “m” e “n”, passível de aproximar-se dos sentidos que se veiculam invariavelmente. Assim, sem ser preciso transcrever o murmúrio de Filomela mutilada, essa repetição enfática de sons gera um eco em meio à implacável linearidade do relato, o qual, de maneira sub-reptícia, acaba em parte por fazê-lo... como se nunca o tivesse feito.

Embora a marcada aliteração em “t” dos versos ovidianos transcritos não encontre a mesma repercussão em português (quinze ocorrências contra seis), a já citada comprova inegavelmente os intentos de Bocage de manter-se afim à musicalidade do poema latino, fazendo-nos concluir que esse tradutor segue o modelo não só repondo um a um os símiles, mas, ainda, atentando para detalhes miúdos de composição como este.

Outro ponto de interesse para a análise dos procedimentos tradutórios de Bocage vincula-se à problemática dos termos apelativos das personagens. Referimo-nos a algo, como se evidenciaria para qualquer leitor familiarizado com os recursos expressivos da literatura antiga, em flagrante nexos com a problemática dos epítetos épicos. Como sabemos, desde Homero, passando por Virgílio e chegando a esse inusitado poema ovidiano (que alguns, não obstante, querem uma epopeia) (Cf. Otis, 1966), recorreu-se a certas expressões estereotipadas que acabaram por impregnar certas personagens como um “selo” típico. Vêm-nos à memória, por exemplo, a “Aurora de róseos dedos”¹⁶ ou a “Atena de olhos brilhantes”¹⁷ do grande épico

¹⁶ Cf. Homero (1981, p. 20): *Logo que matinou Aurora de róseos dedos (...)*.

LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

helênico, bem como, no âmbito latino, o *pater Aeneas*¹⁸ virgiliano, exaustivamente empregados quase que a cada vez de aparecimento das deusas ou do herói...

Algo semelhante ocorre no relato ovidiano do mito de Procne e Filomela: referimo-nos ao fato de que a expressão *Pandione nata*, com eventuais variações de caso para a última palavra, seja por mais de uma vez ora aplicada a Filomela, ora a Procne. Em v. 436 (*Pandione nata*), então, essa espécie de epíteto se refere a uma Procne recém-casada com Tereu; em v. 520 (*Pandione natam*), a Filomela raptada e que se levava para um covil oculto por bosques; em v. 634 (*Pandione nata*), é um vocativo com que Procne, irada, manifesta seu incisivo desejo de vingança contra o marido e traidor; em 666, com troca de metade da expressão, *genitas Pandione* são, evidentemente, as duas irmãs satisfeitas com a concretização da horrível desforra contra Tereu.

Note-se que, sendo Pândion o rei de Atenas e o vocábulo *nata* (por três vezes empregado, conforme citamos acima) um item lexical incomum¹⁹ na língua latina clássica para dizer “filha”, as duas personagens associadas a esse apelativo ganham como que em dignidade com seu emprego. Pois, relacionando-as a Pândion, ele evidencia sempre seu sangue nobre e, designadas pelo termo de registro mais elevado em latim, furtam-se ao domínio da banalidade linguística no mesmo idioma.

¹⁷ Cf. Homero (1981, p. 13): *Respondeu-lhe Atena, a deusa dos olhos brilhantes (...)*.

¹⁸ Cf. Virgílio (2005, II 1-3): *Prontos, à escuta, emudeceram todos/ Ao passo que exordia o padre Eneias/ Do excelso toro (...)*.

¹⁹ No “agrônomo” latino Columela, a palavra designa os filhotes dos animais (cf. Saraiva, 1993). No clássico, porém, “filho” dizia-se em geral *fillius*, *-ii*, correspondendo a forma comentada a um “desvio” literário presente, por exemplo, na *Eneida* virgiliana (Virgílio (2002, VI 722): *Dicam equidem nec te suspensum, nate, tenebo*. – “Vou falar, é claro, nem te deixarei em suspense, meu filho.”).

A passagem de olhos pela tradução de Bocage revela-nos que a primeira ocorrência dos dizeres ovidianos foi omitida, com sua substituição por “Progne”, a segunda veio como “filha de Pandião”, a terceira verteu-se por “filha de Pandião” e a quarta por “prole de Pandião”. Isso significa, nos termos de um balanço dos procedimentos tradutórios de Bocage quanto a este importante ponto da épica antiga, a aparente opção pelo respeito ao modelo.

Por outro lado, a observação do tratamento dado pelo poeta e pelo tradutor à nomeação de Tereu reveste-se de suas peculiaridades, mas, ainda assim, permite-nos finalizar o mapeamento miúdo entre um pólo criativo e outro. Então, ao contrário do que se dava com o apelativo visto antes a propósito do chamamento das duas malfadadas irmãs, a preferência ovidiana por dizer apenas *Tereus* (ou, no máximo, *Threïcius Tereus* em v. 424), além de nomear a personagem sem rodeios, em nada acrescenta quanto aos atributos passíveis de ligar-se a ela. De certo modo, pois, a opção estilística de Ovídio neste caso aponta para certa banalidade, talvez compreensível diante do desejo de variar o tom expressivo (ou evitar a monotonia).

Ora, Bocage também dissemina seus “Tereus” pelo texto, curiosamente servindo-se da expressão ovidiana “Tréicio Tereu” numa passagem (o começo do rapto de Filomela ao desembarcarem na Trácia das naus provenientes de Atenas) que não corresponde à de seu uso primitivo no latim (v. 424, como vimos, ou início do relato, quando os dotes guerreiros do vilão impressionam seu futuro sogro e o fazem desejar dar-lhe Procne como consorte).

Os tipos de elaboração do discurso literário de que nos ocupamos, conseqüentemente (repetição, presença e forma dos símiles e expressões apelativas ou epítetos das personagens), revelam um Bocage alerta para a tessitura das *Metamorfoses* romanas e, sem sombra de dúvida, capaz de imprimir a marca da poesia ao que diz. Assim, desejamos chamar a atenção para

LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

o fato de que esse expressivo homem de letras dos setecentos lusos, responsabilizando-se por haver algo da sofisticada arte ovidiana entre nós, não foi mero versejador, mas, vertendo a obra alheia, conservou-se coerente com o respeitável nível de seu talento como poeta de cunho “autônomo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHRÉTIEN de Troyes. *Romans*. Édition de C. de Boer, traduction d'Olivier Collet. Paris: La Pochothèque, 1994.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

OTIS, Brooks. *Ovid as an epic poet*. Cambridge: University Press, 1966.

OVIDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Bocage. São Paulo: Hedra, 2000.

———. *Metamorfosi*. Con un saggio di Italo Calvino. Torino: Einaudi, 1994.

———. *Rhétorique à Hérennius*. Texte traduit par Henri Bornecque. Paris: Garnier, [s.d.].

SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1993.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Odorico Mendes. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: UNICAMP, 2005.

———. *Eneide*. Introduzione di A. La Penna, traduzione e note di R. Scarcia. Milano: Rizzoli, 2002.